

DANÇA DE HISTÓRIAS: CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM MOVIMENTO

*Rafaela Francisco de Jesus¹
Renata de Lima Silva²*

RESUMO

O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa, ainda em desenvolvimento, cujas interfaces entre dança e contação de história são exploradas a partir de um processo de criação e de intervenção artística. Com o intuito de pensar formas de acesso à literatura afro-brasileira e à dança, além dos impactos desses conteúdos na formação de crianças e adultos, investiga-se a possibilidade de dar corpo aos contos da literatura afro-brasileira e voz para a dança, numa investigação dos processos de criação em artes cênicas comprometida com as relações étnico-raciais. Investiga-se nesta pesquisa as possibilidades cênicas e dramatúrgicas dos contos de Euá e Oxóssi, desaguando em dois processos de criação com qualidades distintas de cena e movimento, dado o enredo trazido por cada mito. Compreende-se dessa forma a importância da dança e da cultura afro-brasileira para a formação do ser humano, pensando em processos educativos que compreendam e alcancem as diferenças, valorizando a dança como linguagem artística e a literatura afro-brasileira como uma possibilidade de conteúdo que aborde as relações étnico-raciais e como um caminho potente para a criação e fruição artística. O trabalho encontra-se em fase de pesquisa bibliográfica e cênico-corporal. Emerge nesse processo corporeidades que se misturam aos contos da mitologia dos Orixás, que se configuram no

¹ Estudante do curso de licenciatura em Dança na Universidade Federal de Goiás, membro do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22.

² Professora do curso de licenciatura em Dança na Universidade Federal de Goiás, líder do Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22.

limiar do corpo que conta história, dança a história e se torna a história, buscando desmistificar conceitos cristalizados em torno da cultura afro-brasileira.

Palavras Chaves: Dança; Contação de história; Cultura afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Os processos educativos podem se dar de diversas maneiras, considerando as experiências educativas formais que são mediadas por profissionais formados e designados para este fim até as mais corriqueiras e cotidianas como ir ao mercado, ir ao shopping, assistir a uma apresentação artística etc. Todas essas ações estão interligadas em rede de ações educativas, pois como define Marques:

Todo habitante da cidade – e do mundo – é parte das redes educadoras pela forma como age, habita, vive. [...] Um sorriso, um agradecimento, uma brincadeira, um gesto solidário são vivências sociais cotidianas que também constroem sentidos e, portanto, educam. Assim, cada habitante do globo contamina, propõe, requer e estabelece vínculos consigo mesmo e com os outros, estabelece redes de relações, espaços de comunhão: Possibilidades de educação. Todos somos corresponsáveis pela educação planetária (MARQUES, 2010, p. 15-16).

Há uma variedade de caminhos que compõe as redes educadoras, como define a autora supracitada. Entendemos que os processos educativos acontecem em diversos espaços, não os reduzindo às ações educativas de ensino formal São essas possibilidades que pretendemos explorar como espaços de intervenção artística e realização das oficinas, percebendo os mais variados espaços, como espaços possíveis de formação em dança.

Embora não seja ainda a realidade de todas as escolas, é sabido que existia uma lei (Lei 10.639/03) que obrigava o ensino da história e da cultura afro-brasileira. Entretanto, essa lei foi revogada recentemente pelo governo do Presidente Michel Temer. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, prevê a obrigatoriedade das quatro principais linguagens artísticas (teatro, dança, artes visuais e

música). Nessa perspectiva, essa investigação torna-se ponto de encontro entre essas legislações e as possibilidades político-pedagógicas para a sua operacionalização.³

A pesquisa surge de inquietações a respeito das leis citadas, porém sentimos a necessidade de dialogar com outros espaços e com isso, verificarmos até que ponto e em que medida os dispositivos legais se desdobram em ações concretas nos processos de formação nos diversos campos da ação humana, no caso específico desse estudo, a interseção entre processos de criação em dança e a contação de história.

O fortalecimento da cultura afro-brasileira como caminho de criação em dança, o diálogo interdisciplinar da dança com temas transversais e demandas políticas, bem como a dança sendo pensada como meio de problematizar questões sociais e culturais cristalizadas no modelo educacional imposto tornam a pesquisa relevante não apenas para área da arte educação, mas também para as demais áreas do conhecimento que se aplicam ao ensino por meio da experimentação teórico e prática.

Nesse sentido a dança é potencializada como prática formadora e transformadora de conceitos socioculturais provenientes do modelo educacional existente, tendo em vista a necessidade de uma educação que atenda às diferenças étnicas, culturais e sociais. As intervenções artísticas que serão propostas pretendem problematizar as diferenças, buscando dialogar com o que defende Munanga (2005, p. 17) sobre o “mito da democracia racial no Brasil”, no qual somos educados para acreditar na igualdade de um modelo educacional eurocêntrico, que discrimina e deprecia valores culturais oriundos das culturas não ocidentais. E como afirma Marques (2003, p. 148):

O princípio filosófico que norteia a problematização é a inexistência de verdades universais, de normas e regras estabelecidas para sempre. Não existe, portanto, consenso universal daquilo que é bom ou ruim na dança, na educação, na sociedade.

Ainda nessa perspectiva, Marques (2001) afirma ser de suma importância a busca de diálogos interdisciplinares da dança com outras áreas de conhecimento. No caso deste

³ Atualmente tanto a Educação Infantil, quanto o Ensino Médio, vem passando por mudanças que tentam ameaçar as conquistas intrínsecas nas legislações educacionais citadas. Optamos pela manutenção dessa discussão para ressaltar que esse projeto se preocupa com a manutenção dessas linguagens considerando que elas são de extrema importância para formação humana e para o alcance de um ensino que incentive o pensamento crítico em prol das relações Étnico Raciais e da Arte.

estudo, a dança busca possibilidades de criação nos mitos afro-brasileiros, traçando caminhos e possibilidades de trânsitos interdisciplinares.

Os caminhos para abordar o processo de criação em dança a partir de um projeto artístico educativo em diálogo com a Mitologia dos Orixás, que atenda as demandas de uma educação para a diversidade e para as relações étnico-raciais, são umas das indagações e desafios deste estudo, ainda em desenvolvimento, mas que encontra nas danças brasileiras e poéticas negras subsídios técnico e formal.

Compreendendo a riqueza de ambas as linguagens e aceitando os desafios intrínsecos em abordá-los no cenário atual, se faz necessário o desenvolvimento da pesquisa em um viés questionador de padrões estéticos de arte e cultura estabelecidos, elucidando as potencialidades da cultura afro-brasileira como fomentadora do processo de criação em dança e a possibilidade de construções metodológicas para o ensino da mesma.

A DANÇA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O Mito na perspectiva da literatura afro-brasileira traz em si a capacidade de proporcionar o encontro ancestral, o despertar das memórias ou até mesmo como afirma Oliveira (2007), “criação de mundos” ou quem sabe revisitação de mundos através de memórias guardadas no corpo. A maneira como Oliveira (2007) descreve e discorre sobre suas vivências na capoeira angola, seus modos de ver o mundo e a ancestralidade através do mito, desperta novos olhares para o corpo, a cultura e a relação entre corpo e cultura, uma vez que um movimenta o outro e fazem a dança acontecer no corpo.

Oliveira (2007) passeia de forma poética pelo mito de exu e a partir dele olha para a educação, para capoeira e para filosofia. Ele encontra em tal mito a lente para analisar os aspectos mencionados sob a ótica da incerteza e da encruzilhada, e ao mesmo tempo da magia e do encantamento. Para ele é necessário que a educação seja cheia de magia para que possa ser vista com o encantamento que lhe deve ser atribuído.

A presença do mito como possibilidade de criação apresenta um universo lúdico. O mito se realiza na busca pelo movimento e o movimento se realiza em um diálogo

direto com o mito, tecendo partituras corporais que compõem ambos os processos de criação.

No processo de criação construído a partir do mito da deusa Euá, houve uma aproximação do mito com um trabalho que foi iniciado durante o processo de inventário pessoal (que será relatado com mais detalhes no próximo tópico), mesmo sendo um trabalho já existente o conto o alterou sobremaneira, propondo novas leituras e novas dramaturgias, sendo o conto a própria dramaturgia para a criação. Foi então um processo de embeberar no conto, na busca de outras imagens corporais que estavam contidas no conto, à medida que me permitia ser levada por essas imagens que o conto gerava em meu imaginário e se transformavam em movimento, como imagens sendo impressas em meu corpo.

Percebo o conto de Euá como um presente, que impulsionou não apenas a criação, mas que nos mostrou o caminho, “a nascente” desta pesquisa cênica de criação. Sobre essa sensação, relatei em meu diário de campo: *“Ter encontrado esse conto de Euá foi o ponto de partida que estava faltando, o conto além de trazer uma dramaturgia própria que permeia meu corpo, ele norteia a criação, me fazendo descobrir caminhos não ditos, mas que ao mover-me eles aparecem e instigam a criação, ora sendo Euá, ora sendo seus filhos, ora sendo uma nascente, ora sendo um rio, e assim, despertando várias sensações artísticas que são explícitas através do movimento* (Diário de campo, Rafaela Francisco, 18/11/2015).

As oficinas serão ministradas a partir do processo de criação do Mito da deusa Euá. O processo de criação do caçador Oxóssi ficará nos registros da experimentação do processo criativo, pois não será levado a público e nem será desdobrado em oficinas, embora essa experiência seja parte essencial da pesquisa, que se pauta na experiência artística transformada em vivências educativas. Não teremos tempo para a abordagem dos dois trabalhos, uma vez que o processo de criação que surge do Mito de Oxóssi ainda está em fase de criação e registros arrolados em diários de campo.

A pesquisa permite que a experiência artística se desdobre em formas de ensino, buscando em certa medida dissolver as fronteiras entre fazer e ensinar arte, que nos conduz ao conceito de artista/docente abordado por Marques, que o define como “aquele

que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo” (MARQUES, 1999, p. 18).

De forma mais específica, creio que nessa proposta ainda seguindo a definição de artista docente apresentada pela autora há unificação entre o momento da apresentação e o da oficina⁴, como fronteiras que se dissolvem, buscando vias de imersão no mito, tanto ao ouvir a história e vê-lo em movimento, quanto na execução de movimentos que são partes elementares da história. Desse modo, “o artista docente é aquele que, numa mesma proposta, dança e educa: educa dançando e dança educando” (MARQUES, 999, p19).

Não temos a pretensão de educar em seu sentido formal, mas de compartilhar a experiência que nasce dessa pesquisa, indicando possibilidades por meio das pequenas ações propostas, com suas limitações e potencialidades. Pois, embora estejamos falando de educação e de processos educativos, reconhecemos as limitações intrínsecas das atividades propostas, que são pontuais e sem acompanhamento a longo prazo, ou seja, há o compartilhamento da experiência e de forma imediata a ação, há uma reflexão sobre a vivência que pode ou não reverberar nos participantes.

TRÂNSITOS E VIVÊNCIAS

A partir dessa perspectiva de trabalho em dança, algumas experiências preliminares puderam ser vivenciadas, dando suporte em termos de formação e motivação para o desenvolvimento deste estudo. Vale citar a disciplina de Fundamentos das Danças Populares Brasileiras⁵ (2013/2), que nos proporcionou, ao longo de um semestre, pesquisas teóricas e práticas sobre o tambor de crioula. Finalizamos o semestre com uma apresentação pública na praça universitária localizada no setor Universitário (Goiânia – GO). Essa vivência na disciplina me proporcionou o contato com alguns elementos de manifestações culturais afro-brasileiras, a exemplo da Capoeira Angola, Dança Afro, Samba de Roda e de forma mais substancial o Tambor de Crioula.

⁴ Essa unificação a que me refiro pôde ser percebida nas oficinas ministradas até aqui, que não serão descritas neste artigo, mas que estarão disponíveis no memorial descritivo fruto desta pesquisa.

⁵ Disciplina ministrada no 2º período do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás, pela Prof. Drª. Renata Lima.

No mesmo período da disciplina de Fundamentos das Danças Populares Brasileiras, tive a oportunidade de participar de um curso oferecido pelo programa A Cor da Cultura⁶, que oferece formação para professores da rede a fim de fomentar a aplicabilidade da lei 10.639/03 nas escolas, fornecendo estratégias e materiais que viabilizem a presença dos conteúdos previstos na lei. O curso foi permeado por uma atmosfera que visava não apenas o conhecimento da lei, mas também um processo de reafirmação e descoberta das identidades, sensibilização e desconstrução do preconceito, abordando questões sociais e valores culturais sob um ponto de vista não eurocêntrico, de modo a potencializar a cultura afro-brasileira. A formação obtida no curso além de proporcionar contato com a lei, até então desconhecida para mim, sem dúvidas aguçou o meu interesse em estudar a cultura afro-brasileira e contribuiu no processo de construção e busca da minha identidade.

A Participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID (2014-2016), coordenado pela Professora Dr^a. Maria Valéria Chaves Figueiredo, permitiu a criação do plano de atuação na busca de uma relação entre os conteúdos da lei 10.639/03 e a dança. Com a articulação de alguns planos, os trabalhos foram reorganizados, me aproximando da contação de histórias através do plano de atuação da bolsista Natália de Paula, que relacionava a contação de histórias e a história da dança. Construímos nossas ações na busca das relações entre Contação de Histórias, História da Dança e Cultura afro-brasileira.⁷

Em Metodologia de ensino e pesquisa em dança II, disciplina ministrada também pela Prof^a. Dr^a. Renata de Lima em 2014 (2015.1), retomamos os nossos inventários pessoais, buscando uma escrita que se aproximasse da narrativa, de forma criativa e autoral, ou seja, misturamos ficção e realidade para então transformá-la em dança. Após

⁶ A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan - Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

⁷ Abordamos essas experiências de forma mais detalhada no artigo “Entre Contos, Danças e Histórias: Um Lugar de Invenção e Ressignificação”, publicado nos Anais do V ENALIC - Encontro Nacional de Licenciaturas e IV Seminário Nacional do PIBID, 2014.

o processo de escrita a nossa tarefa era retirar dela proposições para a construção de oficinas que foram aplicadas na turma. Esse exercício nos levou a pensar o ensino da dança a partir das histórias pessoais e de elementos da cultura popular. As apresentações aconteceram na Faculdade de Educação Física e Dança, e no Memorial do Cerrado⁸.

A aproximação com o Núcleo Coletivo 22 norteou sobremaneira o processo de construção da pesquisa, sendo o mesmo liderado pela Professora Dr^a. Renata Lima, desde 2001, ano em que o núcleo inicia suas atividades em São Paulo e atualmente é vinculado ao projeto de extensão da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Reúne artistas e pesquisadores com o objetivo de fortalecer e produzir saberes em torno da cultura popular brasileira.

Ainda no intuito de comentar a trajetória e os encontros que estimularam a realização do estudo que aqui se apresenta, vale citar ainda o projeto Kalunga Grande, desenvolvido pela Companhia de Artes Núcleo Coletivo 22 com fomento da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que apresentou o espetáculo cênico musical “Por cima do mar eu vim”, que apresenta um diálogo entre dança, teatro e contação de história. Ter tido a oportunidade de trabalhar na produção do espetáculo foi inspirador e sem dúvidas trouxe questões norteadoras para esta pesquisa, principalmente no que diz respeito às questões metodológicas do trabalho de criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um caminho para a transformação de referências estéticas e artísticas, bem como étnico-raciais cristalizadas, naturalizadas e reproduzidas a partir de cânones hierárquicos e etnocêntricos. Pensar o processo educacional inserindo o movimento corporal amplia as possibilidades de ensino – aprendizagem, de modo a propor diálogo entre educação, arte e sociedade.

⁸ “Eleito em 2008 como o local mais bonito de Goiânia, O Memorial do Cerrado, complexo científico que funciona no Campus II da PUC Goiás, é um dos projetos do Instituto do Trópico Subúmido que representa as diversas formas de ocupação do bioma e os modelos de relacionamento com a natureza e a sociedade. É um museu que retrata desde a origem do planeta Terra à chegada dos portugueses ao Brasil. O Memorial reúne espaços que representam as diversas formas de ocupação do Cerrado e os modelos de relacionamento com a natureza e a sociedade”. Descrição retirada do site oficial do Memorial do Cerrado, disponível em <http://www.ucg.br/ucg/institutos/its/site/home/secao.asp?id_secao=123> Acesso em Out. 2015.

Para Oliveira (2007) uma das saídas para a educação está na valorização dos saberes ancestrais, a qual ele denomina em sua tese de “pedagogia do Baobá”, em que há uma sabedoria cíclica, morre-se para renascer no outro, valorizando o movimento dinâmico da vida que ganha corpo na dança, na manifestação e materialização da cultura, na figura dos orixás e dos inúmeros ensinamentos que a cultura africana e afro-brasileira tem a nos oferecer.

Nesse sentido, é igualmente importante buscar alicerces para se pensar a dança para além dos referenciais colonialistas presente em padrões estéticos consolidados e por séculos reproduzidos. Considerando a diversidade da dança no Brasil e a importante contribuição africana na cultura popular brasileira encontramos em Silva (2012), orientadora deste estudo, uma proposta metodológica de criação em dança que considera diversidade cultural brasileira e as matrizes estéticas afro-brasileiras, pensando na preparação corporal do ator e do bailarino a partir da cultura popular.

Este estudo se alimenta de inquietações, curiosidades e poéticas que se configuram em cada laboratório, cada ensaio, leitura e apropriação do Mito, que me conduz a conhecer os arquétipos dos Orixás investigados, de modo a me aproximar da cultura e da religiosidade afro-brasileira, me conduzindo a um processo de (des) construção artística e ideológica, que conseqüentemente vem me alimentando como artista e pesquisadora em formação, buscando formas de relações entre linguagens tão potentes, o corpo e a palavra, a dança e o mito que se fundam em um processo de investigação cênica que mudou minhas concepções de criação e me faz perceber a Mitologia dos Orixás de forma poética e dramática.

Deste modo, almejamos que este estudo venha contribuir positivamente para a construção de caminhos artísticos e pedagógicos com vistas a uma educação em dança que possa ser criativa e reflexiva, e que de alguma forma faça diferença na vida dos participantes e espectadores que terão contato com o trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HONORATO, Flávia; OLIVEIRA, Lorena Fonte de. Artigo: **“Por cima do mar eu vim”** *Processo de criação de corpos em travessia*. Goiânia, 2015.

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, Isabel. *Lições de dança*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003.

MARQUES, Isabel. *Linguagens da dança – Arte e ensino*. São paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. Artista às avessas: *A ação cultural em diálogo com a educação*. V. 12, N. 1. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57544>> Acesso em 04 out. 2016.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2ª Edição revisada. Organizador: Kabengele Munanga – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretária de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo David. *Filosofia da Ancestralidade: Corpo de mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Renata de Lima. *Corpo Limiar e encruzilhada: Processo de criação na dança*. Goiânia: Editora UFG, 2012.